

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES - LICENCIATURA**

EDUARDA DA COSTA COELHO

**DO CHÃO AO ATABAQUE:
UMA INTRODUÇÃO AOS RITOS DA JUREMA**

**JOÃO PESSOA/PB
2016**

EDUARDA DA COSTA COELHO

**DO CHÃO AO ATABAQUE:
UMA INTRODUÇÃO AOS RITOS DA JUREMA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do Curso de
Ciências das Religiões da Universidade
Federal da Paraíba como requisito
complementar para obtenção do título de
Licenciatura em Ciências das Religiões, sob
orientação da Prof.^a Dr.^a Dilaine Soares
Sampaio.

João Pessoa/PB
2016

C672c Coelho, Eduarda da Costa.

Do chão ao atabaque: uma introdução aos ritos da Jurema /
Eduarda da Costa Coelho. – João Pessoa: UFPB, 2016.
48f. ; il.

Orientadora: Dilaine Soares Sampaio
Monografia (graduação em Ciências das Religiões - licenciatura)
– UFPB/CE

1. Jurema Sagrada. 2. Ritos. 3. Tradição. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 259.4(043.2)

EDUARDA DA COSTA COELHO

**DO CHÃO AO ATABAQUE:
UMA INTRODUÇÃO AOS RITOS DA JUREMA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do Curso de
Ciências das Religiões da Universidade
Federal da Paraíba como requisito
complementar para obtenção do título de
Licenciatura em Ciências das Religiões.

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Dilaine Soares Sampaio
(Orientadora)

Prof.^a. Dr.^a. Maria Lucia Abaurre Gnerre

Prof.^a. Ms. Wellida Karla Bezerra Alves Vieira

Dedico esta realização a todas as entidades da Jurema Sagrada, em especial aos mestres Antônio do Vajucá e Zé Pelintra grandes guias espirituais em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, aos orixás que dividem o comando do meu ori (cabeça) Oxaguian Omade e Oxum Ijimu e aos donos do meu caminho Ogunjá e Oyà, pelo dom da vida e por terem me concedido chegar até aqui. E a toda a Jurema Sagrada, pelos inúmeros “recados” que serviram como luz para meus passos.

Aos meus pais Eduardo e Denize pela base familiar e educação que me deram, pelo amor e dedicação desde o início da minha existência, sem eles não teria chegado a tanto.

Prossigo agradecendo a minha avó Rita pelo amor e apoio incondicionais que sempre me transmitiu, por sempre acreditar no meu potencial e me dar total incentivo não só na caminhada acadêmica, mas em tudo na minha vida.

Ao meu irmão Denner, pelo amor e amizade e por sempre se dispor a tantas idas a UFPB para me buscar ou levar sempre que foi preciso.

Ao meu esposo Alcides, pelo incentivo para que eu cursasse Ciências das Religiões (tudo começou através dele), pelo amor, apoio, companheirismo durante toda esta caminhada acadêmica, por me acompanhar sempre ao terreiro para que eu pudesse fazer minha pesquisa, por ter diversas vezes abdicado de si para que eu pudesse continuar a construção do meu trabalho.

Ao meu tio Delmo (titio), a minha tia e madrinha Cláudia e as minhas primas Maria Clara e Maria Luisa por serem também o incentivo e o amor que me fizeram chegar até aqui.

Aos meus sogros Alcides e Maria José, a minha cunhada Ivonete e seu esposo Sandoval e aos meus sobrinhos Arthur e Annanda, por estarem sempre presentes em minha vida, o amor e carinho de vocês também me trouxeram a este “final”.

A todos meus familiares que sempre acreditaram e torceram para que esta realização enfim chegasse.

Não podendo esquecer dos colegas de turma que durante esta jornada acadêmica de quatro anos compartilhamos vários momentos juntos e que foram fundamentais neste processo de experiência e aprendizado.

Em especial meus sinceros agradecimentos e profunda admiração aos colegas Maria das Neves (Neneca) e Petronilo (Petro), pelo carinho e amizade que sempre demonstraram e por serem exemplos que tomarei na minha vida pessoal e acadêmica.

A Paula Suênia, pela amizade desde os primeiros contatos em sala de aula e que se expandiu para fora dela, por ter trilhado de perto este longo caminho junto comigo e por não ter largado da minha mão.

De forma bastante especial não poderia esquecer os meus queridos professores, por todos os ensinamentos transmitidos de forma carinhosa ao longo dos quatro anos de graduação, com eles aprendi bem mais do que gostaria.

A toda família do Terreiro de Umbanda Acácio Valerí na pessoa da Yalorixá Maria de Oyà Egunitá, a qual eu chamo carinhosamente de Mãezinha, meu muito obrigada pelo acolhimento ofertado a cada vez que eu os visitava, por terem me deixado sempre tão à vontade e principalmente por terem me abraçado como se eu fosse membro da egbé de vocês, está casa tornou-se um pouco minha também.

Agradeço as minhas amigas, parceiras de longas datas Indra e Fernanda por estarem ao meu lado sejam nos momentos bons ou ruins, por me transmitirem sempre amizade e apoio e por terem me apresentado a casa de Mãezinha, sem vocês não teria tido a oportunidade de conhecê-los nem de ter desenvolvido minha pesquisa em uma casa de tanta seriedade e axé.

Agradeço aos meus colegas de labuta e irmãos na vida, Jeverson e Euclides, e em especial a Marcelo que entre uma pausa e outra nas atividades do Colégio pudemos partilhar das mesmas “dores” na construção de nossos trabalhos de conclusão de curso. Meu muito obrigada pela paciência, compreensão e amizade para comigo durante o período em que estive construindo este trabalho.

Agradeço de uma forma bastante particular a minha orientadora a Profa. Dra. Dilaine Soares Sampaio e expresso minha profunda admiração pela profissional que é, brinco que quando eu crescer quero ser que nem ela! Obrigada por me orientar e transmitir seus conhecimentos há dois anos, tempo em que iniciei minhas pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras como aluna bolsista do PIBIC e integrante do Grupo de Pesquisa Raízes UFPB – CNPq.

Enfim a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para esta realização pessoal e acadêmica.

*Eu dei um grito aqui
Ninguém me respondeu
Na Cidade da Jurema, meu Jesus
Quem tem a chave sou eu.
Eu dei dois gritos aqui
Ninguém me respondeu
Na Cidade da Jurema, meu Jesus
Quem abre os portões sou eu.
(Toada de louvação a Jurema)*

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo mostrar a partir de elementos simbólicos a continuidade da tradição inventada nos ritos de Jurema Sagrada em um terreiro da capital paraibana. Nossos objetivos específicos buscarão contextualizar historicamente a Jurema enquanto religião, descrever e caracterizar seus ritos coletados em campo afim de chegarmos ao nosso objetivo geral. Fundamentados em livros de autores pertinentes ao tema e artigos disponibilizados em revistas impressas demos início a nossa pesquisa, que teve seu desenvolvimento no Terreiro de Umbanda Acácio Valerí a partir de entrevista com a Yalorixá responsável pelo local e constantes visitas nos dias de culto a Jurema. Todo material coletado teve sua análise em uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório. Acreditamos que nossa pesquisa apresenta justificável contribuição aos estudos sobre a Jurema, considerando ser um campo ainda carente de pesquisas acadêmicas. Para o curso de Licenciatura em Ciências das Religiões será de grande relevância, pois anterior ao trabalho proposto em tela, apenas dois colegas dedicaram suas pesquisas a contextos que envolvem a Jurema. Entendemos ainda que nosso trabalho pode contribuir na melhoria das relações sociais, partindo do pressuposto de que só é possível respeitar aquilo que se conhece e a Jurema ainda caminha desconhecida e sem ser vista como religião por grande parte dos paraibanos, embora seja marcante sua presença em nosso Estado.

Palavras-chave: Jurema Sagrada; Ritos; Tradição; Reinvenção.

ABSTRACT

This Work of Conclusion of Course has as objective show from symbolic elements continuity of invented tradition in the rites of the Sacred Jurema in a terrace of the paraibana capital. Our specific aims will search to contextualizar the Jurema historically while religion, to describe and to characterize its rites collected in field similar to arrive at our general aim. Based on books of pertinent authors to the subject and articles made available in you search printed demons beginning our research, that had its development in the Terrace of Umbanda Acácio Valerí from interview with the Yalorixá responsible for the place and constants visits in the days of cult the Jurema. All material collected it had its analysis in a qualitative boarding and of exploratório character. We believe that our research presents justifiable contribution to the studies on the Jurema, considerando to be a still devoid field of academic research. For a course of Degree in Sciences of the Religions it will be of great relevance, therefore previous to the work proposed in screen, only two colleagues had dedicated to its research the contexts that involve the Jurema. Entendemos despite our work can contribute in the improvement of the social relations, leaving of the presupposition of that it is only possible to respect what it is known and the Jurema still walks unknown and without being seen as religion for great part of the paraibanos, either even so outstanding its presence in our State.

Key word: Sacred Jurema; Rites; Tradition; Reinvenção.

ÍNDICE DAS IMAGENS

FIGURA 1 – Pé de Jurema Branca na Casa de Mãe Maria.....	26
FIGURA 2 – Cruzeiro Mestre da Jurema na Casa de Mãe Maria.....	27
FIGURA 3 – Banquinhos usados em dia de Jurema de chão.....	28
FIGURA 4 – Salão pronto para a Jurema de chão.....	30
FIGURA 5 – Quarto da Jurema na casa de Mãe Maria.....	31
FIGURA 6 – Mestre Zé Ferreira fazendo limpeza.....	32
FIGURA 7 – Gira de Jurema na casa de Mãe Maria.....	36
FIGURA 8 – Jurema batida na casa de Mãe Maria.....	37
FIGURA 9 – Salão do terreiro decorado em dia de Jurema batida.....	38
FIGURA 10 – Saída da Cigana Esmeralda.....	42
FIGURA 11 – Saída do Mestre José de Santana.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A JUREMA SAGRADA NO NORDESTE BRASILEIRO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	15
1.1 Alhandra: uma das Cidades Encantadas?	18
1.2 Trocas rituais e simbólicas entre a Umbanda e a Jurema.....	21
2 TERREIRO DE UMBANDA ACÁCIO VALERI: JUREMA DE CHÃO E JUREMA BATIDA	24
2.1 Descrevendo sobre a Jurema de chão.....	27
2.2 Jurema batida como sinônimo de festa.....	35
3 TERREIRO DE UMBANDA ACÁCIO VALERI: INICIAÇÃO NA JUREMA.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Mesmo sem ainda ter conhecimento de que minha avó paterna tinha uma história dentro das religiões afro e consequentemente meu pai e tios paternos também, as religiões de matriz africana sempre me causaram curiosidade. Recordo que quando criança já havia despertado interesse por ler livros e revistas que tratavam do assunto. Isso se deu após a estreia de uma novela que a rede Globo apresentou que tinha o nome de Porto dos Milagres e algumas de suas cenas aconteciam em um terreiro, mostrando até alguns ritos de iniciação mesmo que ficticiamente. Quando tinha nove anos de idade meu pai decidiu me levar para conhecer o terreiro em que sua família possuía uma história religiosa, lembro que era uma festa de Preto-Velho¹ e ao chegar ainda desconfiada e com um pouco de medo, me encantei com tudo o que vi naquela noite e a partir daí começa minha história com o Candomblé Nagô².

Ao iniciar na academia no Curso de Ciências das Religiões, observei no fluxograma que no terceiro período tínhamos a disciplina de Mitologias Indígenas e Afro-Brasileiras e foi ao cursá-la que o interesse em desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso com um tema relacionado a estas religiões foi firmado. No sexto período passei a ser integrante do Grupo de Pesquisa Raízes vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, certificado pelo CNPq que trabalha acerca das religiões mediúnicas e suas interlocuções e aluna bolsista de um projeto do PIBIC³ que abordava a mitologia existente na Jurema Sagrada. A partir daí meu foco de trabalho que antes seria crianças de Candomblé mudaria para Jurema Sagrada, mas não fugiria do campo das religiões afro-brasileiras.

Nos estudos acerca das religiões afro-brasileiras, o tema da Jurema se viu desprivilegiado em relação as demais religiões afro-brasileiras, pois os autores da linhagem africanista deram primazia apenas as religiões tomadas como mais “puras” (que era o caso tradição jeje-nagô⁴), ou seja, focavam mais no “afro” do que no “brasileiro”.

Mesmo que o interesse por estudos sobre o Catimbó-Jurema tenha se mostrado tardiamente se comparado as demais religiões afro-brasileiras em que os estudos remontam ao

¹ Entidade que se apresenta com aspecto de velho escravo africano, conhecido como bom aconselhador, sábio, paciente e amável.

² Uma das nações do candomblé, mais conhecida como Xangô de Pernambuco.

³ O projeto intitulado *Mitologia dos Mestres e Mestras da Jurema Sagrada: uma recuperação histórica*, era coordenado pela Profa. Dra. Dilaine Soares Sampaio.

⁴ Termo usado para designar a fusão cultural e religiosa entre os povos Jeje e Nagô.

princípio do século XX com Nina Rodrigues, desde os primeiros tempos da colonização é possível ouvir relatos a respeito dos rituais religiosos ligados à população indígena, onde rezas e dizeres sagrados unidos à cantos e danças e ao barulho do maracá se misturavam com a fumaça dos cachimbos permitindo aos índios entrarem em contato com seus antepassados. Cascudo (1978, p.28) em suas pesquisas, encontra registros históricos referentes ao século XVIII que apontam a prisão de um índio decorrente da prática das cerimônias de Catimbó que eram chamadas de “adjunto de jurema”, “adjunto” que é sinônimo de reunião, sessão, ou seja, onde seus frequentadores ingeriam a bebida extraída da jurema (árvore) para se comunicarem com os espíritos.

No início da década de 1930, Mario de Andrade um dos principais nomes do Modernismo brasileiro, escreve sobre a Jurema. Andrade em uma de suas missões folclóricas, registra a existência do culto a Jurema em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e enfatiza uma forte influência indígena encontrada nesses Estados. Sua obra *Música de Feitiçaria no Brasil* foi a primeira a mencionar a existência de uma mitologia na Jurema. Autores como Arthur Ramos (1934), Gonçalves Fernandes (1937), Edson Carneiro (1991) e Manuel Quirino (1938), embora de modo quase despercebido ou ignorado, também mencionaram a existência da bebida jurema ou de rituais com ela, mas não deram ênfase ao Catimbó.

Vamos ao longo deste trabalho tentar descrever os ritos que compõem a Jurema Sagrada, levando em consideração que por se tratar de uma religião afro-brasileira alguns de seus ritos são inacessíveis, como por exemplo o rito de iniciação. No entanto tudo o que for descrito a respeito dos ritos é resultado de entrevistas e observações em campo.

Surge, portanto, a problemática central que envolve esta pesquisa: Mostrar a partir de elementos simbólicos a continuidade da tradição inventada nos ritos de Jurema. A partir dessa problemática descreveremos alguns ritos coletados em um terreiro da capital paraibana e buscaremos identificar o que permaneceu desde as primeiras práticas desta religião e o que foi sendo reinventado ao longo do tempo.

Nosso trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo iremos mostrar, com base no levantamento bibliográfico, uma breve contextualização histórica e nosso ponto de partida serão as primeiras práticas de culto a jurema pelas populações indígenas no Nordeste brasileiro. Perpassaremos pela constituição dessa religião a cidade de Alhandra e o

desenvolvimento deste culto nesta região até seu hibridismo com a Umbanda quando esta se expande para a Paraíba.

No segundo e terceiro capítulo nossa metodologia será baseada no trabalho de campo, onde através do material coletado nas visitas ao Terreiro de Umbanda Acácio Valerí traremos algumas considerações a respeito dos ritos praticados na Jurema: a Jurema de chão, a Jurema batida, e a iniciação existente nesta religião identificando o que mudou e o que permaneceu nesses ritos. Ao longo do nosso trabalho dialogaremos com ASSUNÇÃO (2010), LAGOS (2007) e SALLES (2010) explicando alguns aspectos sobre a Jurema Sagrada, com ELIADE (1992), para nos auxiliar na compreensão dos ritos e com HOBBSAWM (1984) na compreensão da tradição inventada.

Contudo esperamos que nossa pesquisa seja mais um degrau que possibilite avanços acadêmicos no que diz respeito a Jurema Sagrada. Com base nos ritos esperamos responder a problemática em questão, pretendendo posteriormente darmos continuidade as pesquisas referentes a Jurema. Através da descrição dos ritos acreditamos possibilitar de certa forma um “despertar” para um olhar menos preconceituoso, que busque enxergar esta religião como nossa, já que suas primeiras práticas foram identificadas em Estados do Nordeste e que o lado pejorativo que nela se instaurou não seja impedimento para um melhor conhecimento sobre ela. Essa pesquisa vem nos abrindo novos horizontes e fortificando o prazer que descobrimos ter em pesquisar sobre a Jurema Sagrada, desde o PIBIC e agora no Trabalho de Conclusão de Curso tudo o que aprendemos tem um grande valor não apenas acadêmico mas também pessoal.

1 A JUREMA SAGRADA NO NORDESTE BRASILEIRO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Inicialmente é importante chamar a atenção para a polissemia do termo Jurema, pois este não nos remete apenas a religião, mas também se refere a árvore da caatinga de beleza sustentável aos períodos de seca, a bebida extraída da árvore de mesmo nome, a uma das Cidades Encantadas, a Ciência recebida pelos Mestres⁵, etc. Levando em consideração a polissemia que o próprio termo traz, observamos a complexidade de pesquisa-la e a necessidade de saber diferenciar e explicar de qual significado de Jurema estamos tratando.

Sobre o seu conceito enquanto religião, a Jurema Sagrada não apresenta consenso quanto a isso, podemos sintetiza-la a partir de autores pertinentes ao tema que vão conceitua-la a priori como sendo de origem indígena, mas que no processo de secularização e trocas culturais apresenta conexões com a Umbanda, obtendo assim traços das religiões afro, do catolicismo e da magia europeia.

Diante dessa amálgama de tradições o Catimbó⁶, inicialmente presente nas tribos indígenas do Nordeste brasileiro, tem seu culto fundamentado na jurema, árvore que posteriormente deu nome à religião. Embora tenha sido os índios os precursores desta prática religiosa a Jurema se tornou mais conhecida como a religião dos Mestres como demonstra Assunção:

A partir da literatura existente, podemos inicialmente dizer que o culto da jurema é um culto de possessão, de origem indígena e de caráter essencialmente mágico-curativo, baseado no culto dos “mestres”, entidades sobrenaturais que se manifestam como espíritos antigos e prestigiados chefes de culto, como juremeiros e catimbozeiros. (ASSUNÇÃO, 2010, p. 19)

Os índios do Nordeste brasileiro foram os responsáveis pelas primeiras práticas dessa religião, habitavam mais precisamente o sertão nordestino. Os tapuias que habitavam os sertões da capitania do Rio Grande do Norte receberam esse nome pelos colonizadores e missionários, que quer dizer “inimigo” e foram eles que deram início as nações cariri, tarairiú e a outras tribos

⁵ Principais entidades da Jurema, detentores do conhecimento sobre a Ciência da Jurema

⁶ Pode significar genericamente de acordo com a linguagem corrente do Nordeste, “magia negra”, feitiçaria, “coisa-feita”, “mau-olhado”, como também em um sentido mais específico que vem sendo empregado por autores pertinentes ao tema, designando as sessões de mesa nas quais o fumo e o consumo da Jurema são os elementos centrais.

que se expandiram por esta capitania. Esses povos viviam em terras de muitos rios e pouca água e migravam sempre em épocas de estiagem em busca da subsistência.

As narrativas deixadas pelos cronistas e missionários mencionadas por Assunção em sua obra *O Reino dos Mestres*, que relatam a partir do século XVIII sobre as populações indígenas que habitavam o Nordeste brasileiro é o que nos dá suporte para entendermos o respaldo que esses povos tiveram na fundamentação da Jurema enquanto religião. Tais narrativas são ricas em detalhes e enfatizam traços marcantes destes povos, inclusive no que diz respeito às crenças e práticas religiosas, onde já se fazia menção ao uso do fumo e beberagem em seus rituais:

[...] Havia entre eles feiticeiros ou, para dizer melhor, impostores, que adivinhavam o que eles pensavam. Prediziam coisas futuras, curavam doenças, quando não as produziam. Podia-se acreditar que alguns deles tinham entendimento com o Diabo, pois não usavam, como remédio, para todos os males, senão a fumaça do tabaco e certas rezas, cantando toadas tão selvagens quanto eles, sem pronunciar qualquer palavra. [...] (NANTES, 1979: 4-6 *apud* ASSUNÇÃO, 2010, p. 49).

A citação acima pode nos auxiliar na compreensão de como os índios davam seguimento às suas atividades religiosas, embora não há como concordar com os autores quando usam o termo impostores para se referirem neste caso aos Pajés⁷ e as formas como conduziam seus rituais.

Ainda segundo os relatos dos cronistas e missionários do século XVIII, o Catimbó chamado por eles de “adjunto de jurema” era uma espécie de reunião entre os índios, realizada em segredo que envolvia uma dança com fins religiosos e curativos, com o uso de bebida preparada com a Jurema e fumo. Também é possível encontrar estes elementos na pajelança amazônica, “a cerimônia gira em torno do Pajé, que invoca os mestres com um pequeno maracá, e que é ajudado por pessoa de sua família que acende os cigarros, ferve a bebida ou defuma o ambiente.” (FIGUEIREDO, 1976: 44 *apud* ASSUNÇÃO, 2010, p. 20).

Os cronistas e missionários buscaram identificar características religiosas das tribos e, no entanto descrever tais fatos presenciados por eles nos períodos em que conviveram juntamente a estes povos. Em alguns dos relatos é possível ver a descrição feita sobre o uso de um instrumento chamado pelos indígenas de maracá e sua utilização nas festas e rituais religiosos que servia para dar ritmo ao canto. O maracá é comumente usado até hoje nos rituais de Jurema:

⁷ Indivíduos responsáveis pela condução do ritualismo mágico-religioso das tribos indígenas.

Para dançar, beber e caunar, o que constitui sua ocupação ordinária, procuraram algo que os anime, além do canto com que em geral acompanham as danças; para isso colhem certo fruto do tamanho da castanha-d' água e com ela parecido. Depois de secá-lo, tiram-lhe os caroços e colocam no lugar algumas pedrinhas; amaram-nos então aos tornozelos, pois assim dispostos fazem então barulho quanto os guizos dos europeus, dos quais aliás se mostram muito cobiçosos. Existe também no país uma árvore que dá frutos do tamanho e da forma do ovo do avestruz. Os selvagens os furam as nozes grandes para fazer molinetes; esvaziam-nos depois, colocando dentro pedrinhas redondas ou grãos de milho, e atravessam-nos com um pau de pé e meio de comprimento. Têm assim o instrumento a que chamam de maracá e que faz mais barulho do que uma bexiga de porco cheia de ervilhas. Os brasileiros os trazem em geral na mão (...) sobretudo depois de enfeitados com lindas plumas e empregados em determinada cerimônia. (LÉRY⁸, 1980: 116-117 *apud* ASSUNÇÃO, 2010, p. 53).

Sobre o consumo da Jurema referente ao período colonial, no ano de 1741 Henrique Luís Pereira Freire de Andrada, Governador da Capitania de Pernambuco envia uma carta ao imperador D. João VI alertando sobre os riscos trazidos pela ingestão da bebida pelos índios e previa a prisão de “índios feiticeiros” que habitavam a Capitania da Paraíba, em anexo da mesma carta estava o seguinte texto:

[...] nesta junta propôs o Excelentíssimo e Ilustríssimo Senhor Bispo [que] se buscassem os meios precisos a remediar os erros que se tem introduzido entre os índios, tomando certas bebidas, as quais chamam jurema, ficando com elas loucos e com visões e representações diabólicas pelas quais ficam persuadidos não ser verdadeiro caminho o que lhe ensinam nos missionários. (SALLES, 2010, p. 39).

Dezessete anos após a referida carta, o próprio Marquês de Pombal também instituiu um documento que tratava do Diretório dos Índios em Pernambuco e que marcava a tutela do Estado na vida desses povos, fazendo referência à Jurema deixando claro a determinação da abolição ao seu uso.

Estes relatos trazem a percepção de que o culto à Jurema encontra suas gêneses sobretudo na religiosidade dos índios nordestinos. A presença de elementos indígenas nas cerimônias de Jurema evidencia a procedência que tais relatos registram sobre a ligação desses povos com as primeiras práticas de Jurema no Nordeste, advindas do período colonial.

⁸ Pastor, missionário e escritor francês autor da obra "*Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, dite Amerique*" no título original em francês, algo como *História de uma viagem feita à Terra do Brasil*.

Embora sejam relevantes, tanto os relatos deixados pelos cronistas e missionários do século XVIII quanto os documentos alusivos ao período colonial, estes são considerados superficiais pelos estudiosos da questão indígena no Brasil. Isso se dá pelo fato de que cronistas e missionários fundiram a ideia de que os índios brasileiros não tinham religião e costumavam dizer, por exemplo, que estes não pronunciavam as letras F, L e R por isso eram povos sem fé, sem lei e sem rei e que viviam desregradamente (GÂNADAVO, 1980, p.124 *apud* SALLES, 2010, p. 41)

1.1 Alhandra: uma das Cidades Encantadas?

Com o legado deixado pelos indígenas, a jurema se difundiu do Sertão nordestino e chegou ao litoral. O município de Alhandra, antigo aldeamento Aratagui, situado a Sul da antiga Capitania da Paraíba esteve diretamente ligada a propagação do culto da Jurema e ainda resguarda esta ligação com a história desta religião, já que a cidade virou referência para os juremeiros⁹ do estado (SALLES, 2010, p. 48).

A Paraíba era considerada como capitania real e obedecia à Coroa portuguesa, ocupava ao norte do Rio Abiaí, do qual surge o aldeamento de Aratagui (Alhandra) que era habitado pelos índios Tabajara. Os jesuítas eram responsáveis pela administração dos índios aldeados, isso implica dizer que eram cristianizados por eles, serviam como escravos além de serem soldados nas lutas enfrentadas pelos portugueses (SALLES, 2010, p. 49).

As primeiras referências que se tem do aldeamento de Aratagui, são um tanto vagas e em alguns casos imprecisas como as feitas Maximiano (1977) que se refere a Eigaraguaig como sendo a atual Alhandra e por Jabotam (1980) que confundia o território de Jacoca (Conde) com Assunção (Alhandra). Em 1746 os padres oratorianos assumem a administração do aldeamento e reúnem os nomes dados anteriormente ao lugar pelos padres jesuítas e franciscanos e registram-no com o nome de Aldeia de Nossa Senhora da Assunção de Aratagui. (SALLES, 2010, p. 51).

Em 1765 na ocasião da sua elevação à categoria de Vila, passa a ser chamada de Alhandra marcando o fim da administração de mais de dois séculos dos padres missionários. Aratagui representa o cenário missionário e segregacionista e Alhandra desponta como secular e integracionista marcando o início da administração pombalina. Segundo relatos e documentos da

⁹ Adeptos ou praticantes da Jurema Sagrada

época após um século de ter sido elevada à Vila, Alhandra ainda era basicamente habitada por famílias indígenas. (SALLES, 2010, p. 53).

Em fevereiro de 1862 é enviado ao Presidente da Província da Paraíba um alvará que comunica a extinção dos aldeamentos na província e que após serem extintos suas terras deveriam ser distribuídas às famílias dos índios. Mesmo após mais de um século do ofício que extinguiu os aldeamentos e elevou Alhandra a categoria de Vila, ela continuava basicamente sendo habitada por famílias indígenas que perderam o direito de serem chamados de índios e receberam a denominação de “caboclos”, ou seja, houve uma extinção de título étnico. (SALLES, 2010, p. 59).

Após o ofício que os beneficiou com as terras, os índios foram aos poucos sendo diluídos entre os homens livres e pobres, constituindo a massa que integrava negros, caboclos, mestiços, povos que contribuíram para a história da Jurema.

Alguns aspectos fazem com que Alhandra se torne referência para o culto da Jurema, e um deles é a existência do Acais, considerado como maior símbolo da tradição da Jurema nesta cidade. O Acais é uma propriedade que pertence aos descendentes do último regente dos índios, Inácio Gonçalves de Barros que no período de extinção dos aldeamentos questionou, mostrando-se insatisfeito (SALLES, 2010, p. 63). Uma toada coletada em minhas andanças pelas casas de Jurema faz referência à um Mestre chamado Inácio que ao mesmo tempo é citado como índio e analisando a letra pode-se associa-lo a esta figura importante para a tradição da Jurema de Alhandra:

Bonita Cidade tem o Mestre Inácio
 É o Rei do Juremá,
 É o Rei, é o Rei, é o Rei
 É o Rei do Juremá
 Bonita aldeia tem o Mestre Inácio
 É o Rei do Juremá,
 É o Rei, é o Rei, é o Rei
 É o Rei do Juremá
 (Toada do Mestre Inácio)

Ele seria o irmão de Maria Gonçalves de Barros, conhecida como a primeira Maria do Acais e pai de Maria Eugênia Gonçalves Guimarães a segunda Maria do Acais, que teria assumido a fazenda da família e já era considerada uma “catimbozeira” respeitada onde residia na cidade de Recife antes mesmo de herdar o nome da tia (SALLES, 2010, p. 65).

Além do Acais, uma outra Cidade considerada importante para os juremeiros de Alhandra, é a Cidade de Tambaba que ocupa um lugar de destaque para este povo, embora tenha desaparecido com o avanço do mar. (SALLES, 2010, p. 114).

Alhandra por ter sido morada de grandes juremeiros e onde o culto da Jurema se fixou, é denominada por alguns como “berço da Jurema Sagrada”. Aí o culto da Jurema centraliza-se na Jurema Preta, de onde são extraídas suas raízes e cascas para a produção da bebida consumida durante suas sessões.

A árvore da jurema está entre os símbolos que compõem o cenário semiótico desta religião e ocupa uma posição central manifestada no mito mais conhecido entre os juremeiros de Alhandra. Tal mito narra que foi na sombra da jurema que Jesus descansou, tornando-a sagrada por este fato. Segundo relatos, quando os antigos juremeiros faleciam seu espírito passava sete dias caído aos pés da jurema para só depois voltarem como Mestres em função de ajudar aos seus. Ela se reafirma sagrada porque serve como passagem que viabiliza a comunicação entre homens e entidades, podendo compara-la com o que Eliade chama de *axis mundi*, quando ele diz: “consequentemente, deve existir uma “porta”, para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu.” (ELIADE, 1992, p. 19).

Segundo os juremeiros mais antigos de Alhandra existe um espaço sagrado que os Mestres encantados emanam sua Ciência, que pode ser descrito como Reinos ou Cidades: Jurema, Junça, Vajucá, Manacá, Catucá, Angico e Aroeira, porém eles não apresentam um consenso em sua nomenclatura. Andrade conforme mencionado no início deste trabalho, dividia os reinos em doze sendo a Jurema o principal Reino ou Cidade que se dividiria em outros onze: Juremal, Vajucá, Ondina, Rio Verde, Fundo do Mar, Cova de Salomão, Cidade Santa, Florestas Virgens, Vento, Sol e Urubá (ANDRADE, 1983 *apud* SALLES, 2010, p. 82).

Cascudo também menciona a existência de um “mundo dos encantados” em sua obra *Meleagro*, onde doze aldeias formariam um Reino que seria composto por trinta e seis mestres. Segundo ele, cada aldeia formariam sete Reinos ou Reinados: Vajucá, Urubá, Juremal, Josafá, Tigre, Canindé e o Fundo do Mar ou ainda cinco ao invés de sete e que seriam os quatro primeiros mais o Tanema ou Iracema. (CASCUDO, 1978 *apud* SALLES, 2010, p. 82).

Devido a essa composição de aspectos míticos e simbólicos que a envolvem, Alhandra desempenha de certa forma um papel de Cidade Encantada. Sua história de ligação e de

legitimação da Jurema como religião na Paraíba oferece suporte para que acreditemos que ela exala um Encanto que vem da Ciência Sagrada que tanto os juremeiros narram.

1.2 Trocas rituais e simbólicas entre a Umbanda e a Jurema

As religiões afro-brasileiras tornaram-se um tema obrigatório para o entendimento da cultura popular, levando em consideração as expressões e tradições dos negros. Por serem religiões de transe, sacrifício animal e culto aos espíritos tem suas características associadas a certos estereótipos como por exemplo “magia negra”, e acabam adquirindo um contexto totalmente desviado do que realmente são.

A Umbanda, tem sua origem no início do século XX, quando kardecistas de alguns estados brasileiros acrescentam em suas práticas elementos de tradições afro, buscando legitimá-la com uma “nova religião”. Em 1961 no Segundo Congresso de Umbanda que aconteceu no Rio de Janeiro, foi possível observar o potencial crescimento desta religião a partir da quantidade de adeptos que lotaram o local do Congresso. Na década de 1960 a Umbanda já ampliava sua organização e legitimação na sociedade, apoiando-se nas alianças políticas que conquistou (SILVA, 2005, p. 106).

A Umbanda se apresenta como consequência de um movimento duplo que trouxe a abertura de alguns centros kardecistas para os cultos afro-brasileiros, gerando influência sobre eles e que Ortiz (1991) os denominam de “embranquecimento” e “empretecimento”.

Alhandra passou por mudanças estruturais e institucionais na década de 1970, acarretada pelo considerável crescimento da Umbanda e pela sua expansão em âmbito nacional. Um fator que contribuiu consideravelmente para que a Umbanda ganhasse espaço em Alhandra foi a necessidade de oficialização dos cultos afro-brasileiros no Estado da Paraíba. No governo de João Agripino na década de 1960, a reconfiguração do cenário religioso e a modernização do Estado foram pontos que culminaram na criação da Lei Estadual nº 3.443, que garantia aos praticantes dos cultos afro-brasileiros liberdade de culto, tornando-se um marco na história destas religiões na Paraíba (SALLES, 2010, p. 91).

Com a liberdade de culto, muitas casas de Jurema foram registradas como centros de Umbanda, e com o pagamento de uma taxa de licenciamento adquiriam a permissão para funcionarem. Diante disso começamos a identificar os possíveis diálogos, ou até mesmo trocas que envolvem a Jurema Paraibana e a Umbanda.

De certa forma as mudanças que a Umbanda trouxe para o cenário religioso de Alhandra beneficiaram a Jurema na prática de seus ritos, pois a repressão policial sofrida pelos catimbozeiros era constante sendo eles obrigados a realizarem seus rituais as escondidas, afastados da cidade, deslocando em espaço e tempo a crença herdada pelos índios. Conta-se que quando morriam não tinham o direito de serem enterrados no cemitério local, sendo sepultados em lugares afastados, onde se plantava um pé de jurema para marcar o local do sepultamento. As festas nos terreiros com danças e o som dos atabaques não eram permitidas antes da chegada da Umbanda e a criação da sua primeira federação. (SALLES, 2010, p. 92).

Em novembro de 1966 quando foi criada a primeira federação, houve um certo interesse na filiação dos juremeiros de Alhandra. Por ser considerada o “berço da Jurema” o primeiro presidente da referida Federação, o senhor Carlos Leal, despertou interesse em tornar a região em um grande centro de Umbanda do Estado. Ele foi um grande admirador da Jurema em Alhandra, presava essa tradição deixada pelos índios e buscava o reconhecimento desta religião por parte dos paraibanos. Uma matéria de agosto de 1977 do jornal O Momento, de João Pessoa mostra o seguinte registro a respeito de Carlos Leal e sua preservação pela Jurema de Alhandra:

Descoberta do local pelo babalorixá Carlos Leal Rodrigues, presidente da Federação dos Cultos Africanos da Paraíba, [Alhandra] está próxima de se tornar ponto de atração turística do Estado, propriedade do Patrimônio histórico e centro folclórico, depois de uma acirrada luta para conseguir realizar o culto umbandista na Paraíba, a partir de 1966. (PIMENTEL, 2005, p. 39 *apud* SALLES, 2010, p. 94).

A partir desse hibridismo com a Umbanda, a Jurema em Alhandra foi aos poucos tomando feições umbandistas, sem perder sua especificidade. Desta forma os rituais juremeiros passaram a ser desenvolvidos com traços próprios advindos dos índios, da Umbanda e também do Candomblé.

Devido a esta inserção da Umbanda no espaço religioso da Jurema de Alhandra, é comum encontrarmos terreiros em João Pessoa, Bayeux, Santa Rita e Cabedelo que apresentam essa troca ocorrida entre as duas religiões, cito estas cidades pela proximidade de localização que tem com Alhandra. Muito do que se observa de reinvenção nos ritos pode vir de certa forma desse hibridismo que houve em outros tempos. O terreiro escolhido para desenvolver a

pesquisa *in loco* é registrado como terreiro de Umbanda, acredito que ele fez parte do período de reconfiguração do cenário religioso de Alhandra que se expandiu para a capital pessoense.

2 TERREIRO DE UMBANDA ACÁCIO VALERÍ: JUREMA DE CHÃO E JUREMA BATIDA

No final de 2014, conversando com duas amigas Fernanda e Indra sobre a pesquisa que estava iniciando acerca da Mitologia existente na Jurema Sagrada como aluna bolsista do PIBIC, onde eu precisaria ir a campo coletar as toadas¹⁰, elas me indicaram um terreiro no Rangel o qual a Fernanda estava frequentando a Jurema. Acatei a sugestão, entrei em contato com a Yalorixá e marquei uma primeira visita para explicar o objetivo da pesquisa, diante de sua permissão após a conversa, teve início minha história com a egbé¹¹ deste terreiro que não findou quando conclui o projeto do PIBIC em agosto do ano passado, mas transcendeu na construção deste trabalho de conclusão de curso e esta parceria vem dando bons resultados a quase um ano e meio.

O Terreiro de Umbanda Acácio Valerí que está localizado na Avenida Napoleão Laureano, nº 215, Bairro do Rangel, João Pessoa – PB foi o terreiro escolhido para a realização da pesquisa que resultou neste e no próximo capítulo. Fundado em 12 de julho de 1960, o terreiro com quase 60 anos de existência teve como fundadora Elvira Arruda Teixeira Câmara, nascida no Acre, filha de uma índia e de um seringueiro. Ela chegou à Paraíba aos sete anos de idade, mais precisamente na cidade de Santa Rita, onde a família do seu pai residia.

Ainda jovem casou e ficou viúva e após o falecimento do seu esposo ela ver sua mediunidade aflorar, passando a incorporar um caboclo de nome Acácio Valerí, que seria seu guia espiritual e posteriormente daria nome ao seu terreiro. Elvira frequentou casas de grandes juremeiros de sua época, inclusive foi frequentadora da casa de Joana Pé de Chita, famosa juremeira da cidade de Santa Rita que se tornou mestra, inclusive tenho uma toada sua transcrita coletada ano passado para a pesquisa de PIBIC:

Que linda cidade que é Santa Rita
 Que linda cidade que é Santa Rita
 Berço de nossa mestra Joana Pé de Chita
 Na Jurema Sagrada, ela foi coroada
 Na Jurema Sagrada, ela foi coroada
 E nessa cidade tornou-se encantada
 E nessa cidade tornou-se encantada.
 (Toada de Joana Pé de Chita)

¹⁰ Músicas cantadas nos rituais de Jurema.

¹¹ Comunidade, família de santo. Cada terreiro possui sua egbé.

Quando fundou seu terreiro, madrinha Elvira como era carinhosamente conhecida por quem frequentava sua casa, trabalhava com a Jurema de chão e também com a Jurema de mesa, sendo esta última uma prática mais simples da Jurema, que se difere da Jurema de chão porque não envolve bebida e nem fumaça.

Madrinha Elvira não teve iniciação na Jurema, tudo o que realizava era com base no que havia aprendido ainda criança na sua tribo com os pajés da aldeia e com os juremeiros de sua época. Após sua morte quem assume a liderança do seu terreiro é a Yalorixá Maria das Graças de Oyà Egunitá, filha antiga de madrinha Elvira, que nos concedeu tudo o que foi relatado acima.

Mãe Maria como é chamada por seus filhos, chegou à casa de madrinha Elvira ainda jovem quando surgiram alguns problemas em sua vida, como ela mesma diz: “eu fui pela dor e não pelo amor”, pois sua família era muito católica e ela inclusive foi educada em Colégio de Freira. Ela conta que sentia muito sono e as pessoas a confidenciavam que durante esses sonos ela incorporava um espírito o qual ela não queria aceitar, por ser católica e por naquela época ser ainda mais complicado assumir ter alguma relação com as religiões afro-brasileiras.

Ela tanto relutou que passou a sofrer com fortes dores de cabeça, desmaios, etc., diante disso teve que aceitar sua mediunidade. A princípio ela não gostava nem de madrinha Elvira nem de ir até sua casa, “fui pela dor mesmo” e conta que só possuiu confiança e afeto naquela que lhe estendeu a mão após seus primeiros “trabalhos”, pois já apresentava melhoras em sua saúde. Mãe Maria conta que esses problemas foram o chamado de seu orixá, no caso Oyà¹², que já cobrava uma iniciação, ela recebeu primeiro o chamado do orixá para só depois seu “povo de Jurema¹³” dá indícios de que também necessitavam de atenção e cuidados, pois segundo ela “o orixá é a cabeça e a Jurema é o corpo que sustenta esta cabeça, um não vive sem o outro”.

Aos 18 anos de idade realiza sua primeira obrigação pelas mãos do Babalorixá José Mario de Miranda, este natural do Recife e filho de santo da Casa Amarela. Na sua obrigação de 14 anos Mãe Maria recebe Deká¹⁴ e mesmo já tendo autoridade para possuir sua casa ela não abandonou madrinha Elvira e dava suas obrigações para Oyà lá mesmo.

Atualmente pertence a uma casa de nação Jeje¹⁵, mas em sua casa ela preserva os ritos nagôs trazidos por seu Babá¹⁶, justificando que as duas nações são parecidas em seu modo de

¹² Orixá feminino, guerreira e imponente, único orixá do panteão africano que domina Ikú (morte)

¹³ Termo popular usado pelos juremeiros para se referirem as suas entidades.

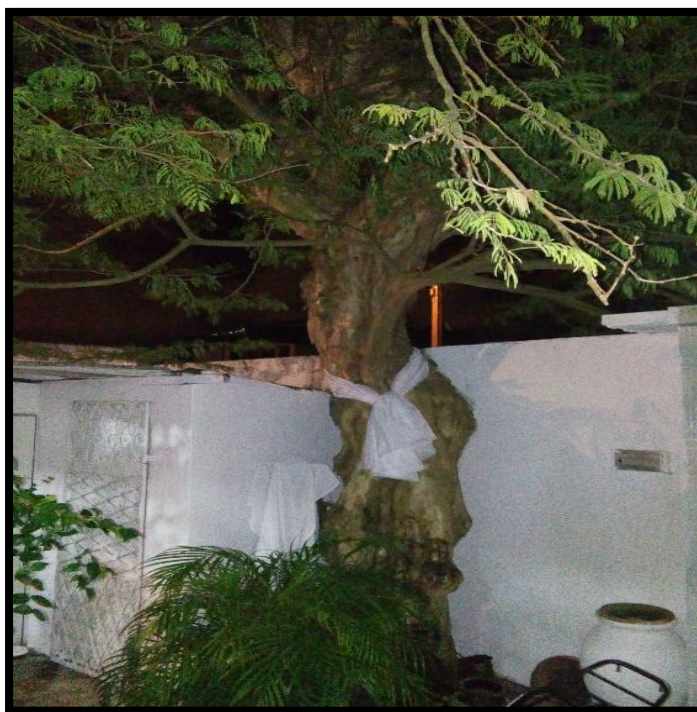
¹⁴ Rito do candomblé que celebra os sete anos de iniciação, onde o Yawô sai da fase de noviço.

¹⁵ Uma das nações do candomblé que corresponde aos escravos daomeanos, cultuam os Voduns ao invés dos Orixás.

culto. As principais festas de sua casa são a de Ogum, Xangô, Oxum¹⁷ (por seu Babá ser de Oxum), Oxalá (por causa de madrinha Elvira que era de Oxalufã) e de sua mãe Oyà. O nome da casa é registrado como terreiro de Umbanda devido à época de madrinha Elvira, mas Mãe Maria enfatiza que a casa é de Candomblé.

Mãe Maria diz que “não mexe na Jurema de madrinha” e faz questão de mostrar que preserva a jurema em sua casa conforme madrinha Elvira deixou. Bem na entrada do terreiro no canto direito, existe um pé de jurema branca com mais de 40 anos de existência plantado por madrinha Elvira a pedido de seu caboclo Acácio Valerí e que Mãe Maria sempre realiza sacrifícios aos pés dele, como ela mesma diz: “todo ano dou de comida a ele, nunca deixo de dar” e enxerga isso como meio de preservação a memória de sua madrinha.

FIGURA 1 – Pé de Jurema Branca na Casa de Mãe Maria



Fonte: Acervo da pesquisa de Campo, 2016.

¹⁶ Forma abreviada de Babalorixá, o mesmo que pai de santo.

¹⁷ Deuses africanos que correspondem a pontos de força da Natureza.

No lado esquerdo de quem entra há também um Cruzeiro Mestre da Jurema¹⁸, bastante antigo, construído por madrinha Elvira e que Mãe Maria tem o maior cuidado em preservá-lo para que não acabe. A mesa que madrinha Elvira realizava a Jurema de mesa, também existe até hoje ela fica no canto direito da sala que antecede o salão principal da casa e que Mãe Maria utiliza para jogar os búzios.

FIGURA 2 – Cruzeiro Mestre da Jurema na Casa de Mãe Maria



Fonte: Acervo da pesquisa de Campo, 2016.

Mesmo tendo participado das Juremas de mesa que madrinha Elvira realizava, Mãe Maria não deu continuidade a este rito em sua casa após a morte da sua madrinha, ela trabalha apenas com a Jurema de chão e a Jurema batida.

2.1 Descrevendo a Jurema de chão

¹⁸ Estrela de sete pontas que fica sempre na entrada das casas de Jurema, um dos símbolos mais conhecidos desta religião, simboliza as almas dos mestres.

A Jurema de chão na casa de Mãe Maria acontece toda primeira segunda-feira de cada mês, sempre por volta das 19h30min por conta dos filhos da casa que trabalham até mais tarde. Quando todos chegam e vestem seus trajes brancos, dirigem-se para o salão do terreiro e Mãe Maria os convida para sentarem na roda formada por vários banquinhos de madeira, tendo ao centro um Cruzeiro da Jurema também de madeira e menor que o que fica na entrada da casa, um copo com água e um jarro com galhos de ervas.

FIGURA 3 – Banquinhos usados em dia de Jurema de chão



Fonte: Acervo da pesquisa de Campo, 2016.

A Jurema de chão recebeu essa denominação pois, anteriormente ao seu hibridismo com a Umbanda ela acontecia com os juremeiros sentados diretamente no chão, sem a presença do banquinho que é comum vermos no cenário atual. Se formos ainda mais adiante e observarmos o histórico dos primeiros relatos de culto a Jurema no Nordeste brasileiro segundo alguns autores pertinentes ao tema, vamos ouvir falar de uma mesa, mas não do sentar em banquinhos:

Numa parte alimpada do chão colocaram uma mesinha de 50 cm x 1 m aproximadamente. Em cima desta mesa uma toalha branca, quatro vasos com mudas de enfeita, um carbureto, um crucifixo, os cachimbos, os arcos, uma garrafa e um copo. (ASSUNÇÃO 2010, p. 91).

A última Mestra da família Gonçalves realizava suas sessões no chão e só passou a utilizar a mesa após sua tia Maria do Acais lhe presentear com uma. Sobre esta prática de realizar a Jurema sentados no chão, Fernandes nos dá a seguinte descrição:

Na casa do catimbozeiro, construída de massapé, na sala dos fundos, espécie de sala-de-comer, estava no chão, ao centro, uma toalha de algodão quadriculada. Tinha no meio um crucifixo pequeno e ao redor pratos fundos cheios de fumo picado, alternando com castiçais grosseiros com velas acesas. Todos ao redor da “mesa” (apesar de estar diretamente sobre o chão de terra batida, chamam à arrumação de mesa) inicia o catimbozeiro a sessão. (FERNANDES, 1938, p. 90 *apud* SALLES, 2010, p. 81).

O banquinho já é uma reinvenção, que foi introduzido neste rito com o passar do tempo, como é possível observar nas citações acima. Na casa de Mãe Maria cada filho tem seu banquinho para sentarem nos dias de Jurema de chão.

Já que identificamos no banquinho uma reinvenção acrescentada na Jurema de chão ao longo do tempo na casa de Mãe Maria, podemos a partir de Hobsbawm caracterizar o que vem a ser tradição e reinvenção ou “tradição inventada”:

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez. (HOBBSAWM, 1984, p. 9).

Para Hobsbawm toda tradição é inventada, então é preciso que ela seja reinventada. “Tradição inventada” pode também ser entendida como conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras implícitas ou abertamente aceitas, de natureza ritual ou simbólica que visam impor certos valores e normas de comportamento através da repetição em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBBSAWM, 1984, p. 9).

A “tradição deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, que vigora nas sociedades ditas “tradicionais”. A invariabilidade é apontado como objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas ou formalizadas, tais como a repetição. (HOBBSAWM, 1984, p. 9).

Dando continuidade a descrição da Jurema de chão na casa de Mãe Maria, temos uma roda que fica por fora da formada pelos juremeiros que acomoda os visitantes, inclusive eu como pesquisadora fico nesta roda. Após todos sentarem ela pede que façam uma oração silenciosa, em seguida ascende uma vela ao centro da roda e pede que cada pessoa presente também ascenda uma vela e vão colocando ao redor dos objetos situados ao centro. Quando a última pessoa ascende sua vela, as luzes do salão são apagadas para ficar apenas a luz das velas iluminando a noite da Jurema de chão.

FIGURA 4 – Salão pronto para a Jurema de chão



Fonte: Acervo da pesquisa de Campo, 2016.

Em seguida a Jurema de chão é aberta com toadas de louvação a Jurema Sagrada acompanhadas apenas pelo som do maracá e de palmas. Não demora muito e chega o momento de cantar para os Mestres com o objetivo de que eles venham para “trabalhar”. Este termo “trabalhar” é muito comum entre os juremeiros, é uma expressão mais “conceituada” da palavra mandinga e significa dizer que as entidades vêm para ajudar quem os procura.

O momento da Jurema dedicado aos Mestres é o mais esperado e também o mais demorado, pois quando eles começam a descer¹⁹ não querem mais ir embora. Os Mestres são as principais entidades da Jurema, apreciados por serem possuidores da Ciência:

Mestres são consideradas detentoras especiais da “ciência” da jurema, outorgando-lhes o domínio espiritual sobre os saberes da jurema, o que implica ter conhecimentos secretos e amplo saber sobre as ervas de curas. Dessa forma, a denominação Mestre é usada como distintivo de sabedoria e maior conhecimento espiritual [...] (SANTIAGO, 2008, p. 7).

Observei que neste rito o primeiro Mestre a descer é sempre o de Mãe Maria, o Mestre José Felintra, que chega já bem comunicativo “salvando a Jurema” e pedindo “de beber e de fumar”, logo um filho da casa providencia a bebida e o fumo para ele. Após a chegada de José Felintra é que os Mestres dos filhos da casa vão chegando também para “trabalhar” na Jurema.

FIGURA 5 – Quarto da Jurema na casa de Mãe Maria



Fonte: Acervo da pesquisa de Campo, 2016.

¹⁹ Termo popularmente usado pelos juremeiros para evidenciar o momento em que acontece a incorporação da entidade.

A maioria dos Mestres quando chegam além de pedir bebida e fumo, pedem também seu chapéu que fica guardado no quarto da Jurema, localizado no canto esquerdo do salão. Enquanto isso os juremeiros que não estão incorporados continuam a cantar as toadas. Uma toada muito comum cantada na casa de Mãe Maria para saldar a chegada dos Mestres é a seguinte:

Sete Cidades abalei, Senhores Mestres chegou
 Sete Cidades abalei, Senhores Mestres chegou
 Bebia não bebo mais, tô na Jurema abalou
 Bebia não bebo mais, tô na Jurema abalou
 Tombava mais não caia, escorreguei mais não caio
 Tombava mais não caia, escorreguei mais não caio
 Sentei num galho de Jurema, pedindo força a meu Pai
 Sentei num galho de Jurema, pedindo força a meu Pai
 (Toada para chegada dos Mestres)

Posteriormente a chegada de José Felintra observei que um filho da casa oferece um a um uma bebida, mais precisamente um vinho, que eu aceito tomar sempre que participo. A primeira vez que participei fiquei curiosa para saber se o vinho oferecido lá era o famoso vinho da Jurema e na conversa que tive com Mãe Maria, pude então saciar minha curiosidade quando pergunto a ela: Mãe Maria o vinho que é servido na Jurema em sua casa é feito com o que? “Olha eu misturo a Jurema Preta, algumas cascas, sementes e o vinho, mas não uso a Jurema Branca.” E prossegue:

Este vinho é servido tanto na Jurema de chão como na Jurema batida, é um vinho mais fraco, porque eu só preparo um vinho mais forte quando alguém vai fazer Jurema, aí eu dou o vinho mais forte a ele, ele dorme um sono e quando acorda me conta o que sonhou e diz se o mestre deu alguma orientação do que fazer. (Mãe Maria).

Após ser servido o vinho, o rito continua com os Mestres cumprimentando os presentes e “trabalhando” para quem está precisando, neste momento eles dão conselhos, fazem limpezas e prosseguem bebendo e fumando. Os Mestres abrem caminho para que outras entidades cheguem, pois logo em seguida chegam as Pombagiras que Mãe Maria considera como Mestras em sua casa.

FIGURA 6 – Mestre Zé Ferreira fazendo limpeza



Fonte: Acervo da pesquisa de Campo, 2016.

As Pombagiras são entidades femininas, temidas por uns e veneradas por outros. Consideradas como espírito de meretriz, trabalham pelos casos amorosos, possuem uma sensualidade excessiva e são tidas como mensageiras:

Pombagira é considerada um Exu feminino e desempenha os mesmos papéis do seu análogo masculino, ou seja, de protetora e mensageira. Assim como Exu, apresenta várias formas: Pombagira Navalha, Maria Padilha, Minervina, entre outros. (SALLES, 2010, p.131).

Sobre as Pombagiras recai uma questão de extrema importância e que as fazem ser tão temidas pela maioria das pessoas: elas se apresentam de forma amoral, atendem os pedidos sem julgarem serem éticos ou não, para elas o que está em jogo é atender o desejo de quem a elas recorrem (LAGOS, 2005, p. 21).

Por ser uma figura tão feminina seus adereços e objetos específicos demonstram características de mulheres sensuais e misteriosas ao mesmo tempo remetem a um caráter vingativo quando o assunto é amor conforme nos mostra Lagos:

Apoderadas de seus instrumentos naturalizados como a tesoura que corta, as agulhas que espetam e costuram, as fitas que enfeitam e amarram os seus objetos

de luxo e fetiche, ela se apodera do punhal de aço que fere e vai para as encruzilhadas de dúvidas e possibilidades, que se abrem em caminhos clareados por velas, que são fogo que queima. A bebida, os cigarros, as rosas vermelhas da paixão, os tantos objetos femininos, dos colares, das pulseiras, brincos, anéis, roupas, leques, xales, pandeiros, perfumes, cigarrilhas perfumadas, bebidas suaves e leva nas falas a história das mulheres, repletas de desejos, de contradições, que insurge na indignação e na submissão [...] (LAGOS, 2005, p. 24).

Na casa de Mãe Maria nos dias de Jurema de chão são poucas as Pombagiras que descem, isso se dá pelo fato de que nesses dias a Jurema é mais restrita aos filhos da casa, ou seja, sem muitos visitantes e até mesmo juremeiros de outras casas participando. Alguns filhos incorporam Pombagiras e estas quando chegam disparam uma gargalhada e se jogam de joelhos ao chão demonstrando certo deboche com traços de sensualidade. Após chegarem os filhos da casa já providenciam sua bebida e seu cigarro para que elas iniciem seus “trabalhos”.

Observei que a maioria das entidades que chegavam, se dirigiam lá para baixo do pé de Jurema para “trabalhar”, sempre com um filho da casa ou um visitante, levava quem de acordo com a Ciência deles estivesse precisando de algo.

Em uma das minhas idas a Jurema de chão, mais precisamente na última que fui antes da escrita deste trabalho, tive o prazer de me aproximar da Pombagira de um filho da casa e receber conselhos dela, os quais eu guardo a sete chaves e recorro a eles sempre que necessário.

Nesta noite estava sentada no chão de olhos e ouvidos atentos a tudo o que acontecia e com meu caderno de anotações na mão quando vi essa Pombagira sair do salão pelo beco em direção ao portão e fiquei preocupada porque ninguém a acompanhou como é de costume. Logo em seguida por onde ela saiu, uma outra Pombagira de uma filha da casa vem voltando para o salão com um visitante que ela havia levado lá fora para “trabalhar” me olha e diz: “vai ali atrás daquela moça que ela foi sozinha pra a rua”, imediatamente me levantei assustada e fui atrás dela conforme pedido.

Nem cheguei até o portão pois ela já vinha voltando, então ainda assustada parei embaixo do pé de jurema e ela com um ar bem sínico parou na minha frente e disse: “Boa noite moça”, educadamente respondi: “Boa noite”, ela me abraçou pondo a cabeça dela no meu ombro direito depois repetiu esse gesto no meu ombro esquerdo como é de costume elas fazerem, é uma espécie de saudação e sussurrou seu nome em meu ouvido: “eu sou Maria Padilha das Sete Facadas”, me deu um tapa nas costas e continuou: “tu vem sempre aqui mas tu tem medo de mim e eu nunca

vou lhe fazer mal porque tu tá trabalhando pro bem do povo todo da Jurema”, ela se referiu a minha pesquisa e disparou nos conselhos que tinha para me oferecer.

Antes dessa aproximação, em outras Juremas sempre tinha receio das Pombagiras, acho que talvez por ouvir falarem sempre mal dessas entidades eu criei um certo medo e mesmo já indo a campo a quase um ano e meio esse medo ainda existia, mas foi findado após a conversa com Maria Padilha das Sete Facadas.

Prosseguindo na Jurema de chão, após os Mestres e Pombagiras beberem, fumarem e “trabalharem” eles já vão se despedindo e pouco a pouco vão “subindo²⁰”, embora ainda tenham os Caboclos²¹ e Pretos-Velhos, mas que Mãe Maria confessa não cantar para eles neste rito e eu pergunto porquê? “Por que só quem recebe sou eu, aí fica cansativo pra mim”. E quando todos vão embora, Mãe Maria fazendo o sinal da cruz e dizendo em voz alta repetidamente por três vezes: “quem pode mais do que Deus?” Todos respondem em coro: “ninguém” e se dá por encerrada a Jurema de chão no Terreiro Acácio Valerí.

2.2 Jurema batida como sinônimo de festa

Adentrando na Jurema batida da casa de Mãe Maria, podemos entendê-la como uma continuação do rito de iniciação, ou seja, a parte pública deste rito. Ela também acontece como festa específica de cada entidade. É um rito mais ritmado e dançante, por isso o nome de Jurema batida. Este rito mais público possui um caráter lúdico e socializador, é ao mesmo tempo cerimônia religiosa e festa, como doravante poderemos identificar.

A Jurema batida na casa de Mãe Maria começa geralmente entre as 19h30min e 20h00min e é iniciada com a abertura da gira²² formada pelos juremeiros que cantam e dançam ao som dos atabaques e maracas girando no sentido horário. Após essa parte inicial de “abrir a gira”, faz-se uma pausa para despachar o Padê²³ de Exú. Um filho da casa pega a oferenda, vai aos quatro cantos do salão cantando e dançando sem muita demora toadas para Exú ao mesmo tempo um outro filho da casa com uma toalhinha branca passa “limpando” os presentes e em seguida

²⁰ Termo popularmente usado pelos juremeiros que explica a volta das entidades às suas Cidades Encantadas.

²¹ Entidades que se apresentam como indígenas, encontrados tanto na Umbanda como na Jurema.

²² Movimento circular que os Juremeiros executam na Jurema batida.

²³ Ofenda para Exú, feita com farofa e oferecida antes de iniciar qualquer rito.

dirigem-se para o portão onde despacham o Padê com a intenção de que Exú esteja lá fora guardando a casa enquanto é celebrada a Jurema.

FIGURA 7 – Gira de Jurema na casa de Mãe Maria



Fonte: Acervo da pesquisa de Campo, 2016.

Quando a Jurema batida é continuação de alguma iniciação, acontece a “saída”²⁴ das entidades. O juremeiro iniciado fica na gira juntamente com os demais e quando sua entidade chega é levado ao quarto para se vestir e logo após já voltar caracterizado. Pode acontecer de o iniciado vestir mais de uma das suas entidades, como presenciei na casa de Mãe Maria.

Neste rito as entidades não trabalham com a mesma intensidade que na Jurema de chão, pois como é dia de festa elas descem para festejar e apenas cumprimentam as pessoas, conselhos e limpezas mais demoradas é quase impossível presenciar neste rito.

Na Jurema batida da casa de Mãe Maria após a abertura da gira geralmente canta-se para as Mestras e em seguida para os Mestres, canta-se ainda para os Caboclos e algumas vezes, dependendo do horário para os Pretos-Velhos.

²⁴ Rito público da Jurema semelhante ao do Candomblé que recebe este nome porque é o ato onde o iniciado sai do recolhimento do quarto e é apresentado para sua comunidade de terreiro, vale frisar que o iniciado já sai incorporado por sua entidade.

Neste rito o vinho da Jurema também só é servido no momento dedicado aos Mestres. Quando a Jurema batida acontece em comemoração à alguma entidade específica ele só é servido quando o Mestre de Mãe Maria chega assim como na Jurema de chão e se está “batendo” em celebração por algum iniciado e suas entidades o vinho só é servido após o Mestre do novo juremeiro chegar.

Quando se trata de Jurema batida a casa de Mãe Maria fica repleta de pessoas, desde seus filhos, parentes de seus filhos, juremeiros de outras casas, vizinhos, admiradores e também pesquisadores, pois minha pesquisa não é a primeira que tem o Terreiro Acácio Valerí como escolhido.

FIGURA 8 – Jurema batida na casa de Mãe Maria



Fonte: Acervo da pesquisa de Campo, 2016.

Como explicado anteriormente a Jurema de chão é um rito mais restrito por isso o menor fluxo de pessoas, inclusive dos próprios filhos da casa e que Mãe Maria tem uma opinião formada a respeito disso:

Pra mim é estranho isso do povo só querer vir pra Jurema por causa das Pombagiras, principalmente quando é batida. O povo hoje em dia só quer saber

de Jurema que tenha Pombagira e Exú e na minha casa não é assim. No meu tempo e no de madrinha Elvira não tinha esse fanatismo não, a gente fazia Jurema com os Mestres e os Caboclos. E não faço questão de ter filho aqui só por causa disso, se me achar chata eu não ligo se procurar outra casa. (Mãe Maria).

Em dia de Jurema batida o salão do terreiro é decorado com flores e folhagens, e mais alguns adereços dependendo das entidades festejadas no dia. Ao centro do salão antes de iniciar a Jurema também é acesa uma vela, embora a Jurema aconteça com as luzes acesas. É comum encontrar uma mesa com bolo e doces dedicados a entidade celebrada no dia que ao fim da Jurema todos podem comer. Pode ainda serem distribuídas lembranças da festa quando o rito termina, isto quando acontece em “saídas”.

FIGURA 9 – Salão do terreiro decorado em dia de Jurema batida



Fonte: Acervo da pesquisa de Campo, 2016.

Pude observar que em dia de Jurema batida Mãe Maria participa sentada em sua cadeira, que fica entre o quarto da Jurema e o Peji²⁵. Geralmente quem dá andamento a este rito é Mãe Geralda, a “Mãe Pequena²⁶” da casa juntamente com os filhos mais antigos.

²⁵ Quarto onde ficam os assentamentos dos Orixás.

²⁶ O mesmo que Yakekerè, cargo feminino que na ausência da Yalorixá responde pela casa.

A Jurema batida se torna bem mais demorada do que a Jurema de chão, isso porque não só os filhos da casa incorporam, juremeiros de outras casas e alguns visitantes acabam incorporando fazendo com que a festa se estenda até tarde. Por exemplo, no momento em que se canta para os Mestres, muitos incorporam e é possível ver o salão repleto de Mestres dançando, fumando, bebendo e até “flertando” com algumas mulheres.

Em uma das “saídas” que participei o Mestre dono da festa, flertou com várias mulheres que estavam neste dia, inclusive no momento de “subir” ele me puxou fazendo com que eu pegasse no braço dele, em seguida saiu dançando comigo e puxando mais nove mulheres, colocando cinco a sua direita e cinco a sua esquerda. Parou em frente aos atabaques cantou sua toada, deu um pulo para trás e “subiu”. É comum eles fazerem isso neste rito, pois como já havia mencionado acima eles descem para festejar.

A Jurema batida na casa de Mãe Maria geralmente é encerrada após cantar para os Caboclos, isto já é por volta de quase meia noite. Para “fechar” a gira são cantadas toadas que mencionam o fechamento desta com os juremeiros cantando e dançando no sentido anti-horário em seguida, todos se ajoelham para rezar e a Jurema batida é encerrada. Ao final Mãe Maria sempre faz uns agradecimentos, dá avisos sobre datas posteriores de atividades na casa e finaliza dizendo que o ajeum²⁷ já está na mesa.

Das Juremas batidas que participei duas delas foram “saída” e uma foi festa de Preto-Velho. As duas que foram “saída” serão descritas e tratadas no capítulo seguinte, já que iremos abordar o rito de iniciação.

²⁷ Palavra Yorubá que significa comida.

3 TERREIRO DE UMBANDA ACÁCIO VALERÍ: INICIAÇÃO NA JUREMA

Assim como no Candomblé, na Jurema Sagrada também existem ritos públicos e ritos privados e o rito de iniciação, aspecto que iremos abordar neste capítulo acontece de forma privada, onde apenas pessoas autorizadas podem assistir e auxiliar. Todo procedimento realizado no iniciado é sigiloso, como os juremeiros dizem é “segredo de quarto”, tudo o que é feito neste rito não pode em hipótese alguma ser revelado, por isso descreveremos a iniciação na Jurema a partir do que nos foi concedido em entrevista por Mãe Maria sem maiores detalhes. Levando em consideração este termo “segredo de quarto” popularmente utilizado pelos juremeiros, o “quarto” citado, nos remete a fala de Eliade ao mencionar a fenomenologia da iniciação em o Sagrado e o Profano:

Em inúmeras regiões, existe na selva uma cabana iniciática. É aí que os jovens candidatos sofrem uma parte de suas provas e são instruídos nas tradições secretas da tribo. Ora, a cabana iniciática simboliza o ventre materno. A morte do neófito significa uma regressão ao estado embrionário, mas isto não deve ser compreendido unicamente em termos de fisiologia humana, mas também em termos cosmológicos: o estado fetal equivale a uma regressão provisória ao mundo virtual, pré-cósmico. (ELIADE, 1992, p. 91).

Nos detendo a este aspecto pergunto a Mãe Maria sobre a iniciação na sua casa e ela me conta que quando um filho deseja ser iniciado, além de realizar o assentamento das entidades, ela lava as costas do noviço com um banho o qual não nos revelou quais ervas utiliza e enfatiza que “a Jurema guarda as costas”, então tudo o que é feito de sagrado no corpo do novo juremeiro acontece em suas costas.

Na casa de Mãe Maria, não são usados termos que comumente os juremeiros de Alhandra utilizam para denominar o rito de iniciação como por exemplo: *tombo do mestre*, *juremação* e *batismo*. Ela comenta que seus filhos quando querem ou precisam se iniciar dizem “Mãe Maria eu queria assentar meu Mestre”, então a partir disso ela orienta-os sobre o que se faz necessário preparar para a iniciação.

Ela relata que alguns procedimentos durante a iniciação são feitos aos pés da Jurema, mas revela que antigamente esses procedimentos eram feitos na mata e que atualmente os filhos põem dificuldades para se deslocarem até lá e mesmo tendo aprendido com sua madrinha que é preciso ir para a mata ela prefere não contrariar os filhos que estão começando a “caminhar com a Jurema” e acaba não saindo do terreiro.

Identificamos nessa fala de mãe Maria um primeiro ponto em que há uma reinvenção nos procedimentos de iniciação em sua casa, pois se antes tais ritos eram obrigatoriamente realizados na mata, hoje ela os realiza no terreiro tendo em vista as dificuldades impostas pelos filhos e acredita que fazendo dessa forma o valor religioso do rito não é perdido nem diminuído.

Além da reinvenção fica evidente uma certa “desvalorização” do rito nesta fala de Mãe Maria e nos remete ao que Eliade já comentava: “evidentemente, nas sociedades religiosas modernas, a iniciação já não existe como ato religioso” (ELIADE, 1992, p.91).

Continuando nossa conversa, perguntei a Mãe Maria se acontece o sacrifício de animais no rito de iniciação. Ela me responde que acontece, porém ela não oferece o ejé²⁸ do animal para o iniciado beber, este ejé que é derramado em sacrifício para as entidades ela utiliza para lavar as costas assim como faz com o banho de ervas e justifica mais uma vez a questão da proteção que a Jurema traz para as costas do iniciado. Os animais sacrificados servirão de alimento para o dia da festa, ou seja, será o jejum.

A iniciação em si é um ato sigiloso, mas busquei saber se assim como no Candomblé existe a parte pública, onde o noviço pode festejar sua iniciação e ser apresentado a sua comunidade. Perguntei então a Mãe Maria: Existe “saída” do iniciado na Jurema? Ela prontamente me responde que sim e afirma que é uma prática antiga e que pelos seus conhecimentos sempre aconteceu em todas as casas. Mãe Maria acrescenta que não concorda com o estilo de roupas que em muitas casas as pessoas vestem as entidades para o dia da “saída” e comenta que em sua casa ela aconselha seus filhos a prepararem roupas simples e sem glamour para vestirem suas entidades no momento da festa, principalmente se tratando das Mestras.

Ela relata presenciar em algumas casas estas entidades cobertas de muito brilho e ostentação e que em sua concepção as Mestras devem sair vestidas com roupas de chita, bastante estampadas, com babados, com um lenço na cabeça também estampado, mas sem “brilhar”.

Ainda sobre a caracterização das entidades para o dia da “saída” perguntei como devem estar vestidos os Mestres para a festa? Ela diz que para os Mestres é mais fácil vesti-los sem muita vaidade e conta que eles sempre usam camisa, calça e chapéu, mas que a diferença de um mestre para o outro está nas características que trazem da vida que tiveram, onde uns usam camisa quadriculada, outros camisa branca, alguns usam camisa vermelha, outros estampada, etc. Sobre a calça alguns gostam de usar a “perna levantada” e é comum presenciar esta preferência,

²⁸ Palavra de origem yorubá, que significa sangue.

pois em todas as Juremas que participei os mestres quando desciam de imediato alguém já dobrava as pernas da calça pra ele poder iniciar seus “trabalhos”.

Embora Mãe Maria preze pela tradição da Jurema em sua casa, durante as duas “saídas” de Jurema que tive o prazer de participar as mestras estavam bem vestidas e glamourosas, apresentando controvérsias no que ela tenta prezar. A primeira saída foi no mês de outubro de 2015, a pessoa iniciada tinha assentado um Mestre e uma cigana.

Sua cigana de nome Esmeralda saiu com um lindo vestido verde fazendo jus a seu nome, com muitas joias, trazendo em uma das mãos uma linda taça também verde e na outra uma piteira com um cigarro importado, dançando, bebendo e fumando enquanto sua filha carnal espalhava perfume pelo salão do terreiro.

FIGURA 10 – Saída da Cigana Esmeralda



Fonte: Acervo da pesquisa de Campo, 2016.

Já seu Mestre o José de Santana, saiu de acordo com o que Mãe Maria descreveu mais acima, usando calça e camisa brancas com um lenço verde na altura do pescoço e com um chapéu também branco tendo ao redor uma fita da mesma cor do lenço, segundo a iniciada “ele saiu com alguns detalhes verdes em homenagem a Esmeralda”, sua primeira entidade a sair.

FIGURA 11 – Saída do Mestre José de Santana



Fonte: Acervo da pesquisa de Campo, 2016.

A outra festa pública que participei foi também no ano de 2015, mas aconteceu no mês de dezembro. Nesta a nova iniciada estava cumprindo sua iniciação por cobranças de sua Pombagira Maria Padilha e em sua “saída” essa entidade usava um vestido bem armado preto com dourado, muitas joias e segurava em uma das mãos uma bela taça decorada.

Analisando estas duas “saídas”, observei que a reinvenção ela acontece de forma espontânea, pois tomando por base a fala de Mãe Maria que discorda deste glamour ao qual as pessoas vestem suas entidades, percebemos que mesmo ela não concordando com este estilo e orientando seus filhos sobre esta questão, ela não consegue impedir que isto aconteça em sua casa. O que se pode compreender é que as pessoas que vão se iniciar tem a concepção de que as entidades avançam no tempo como nós avançamos e que se tudo se moderniza elas também se modernizam, por isso tanto brilho e glamour nas vestimentas principalmente das Pombagiras.

Ao mesmo tempo olhando por outro lado, esta reinvenção se torna um paradoxo, pois há também um lado tradicional nisso se analisarmos pelo contexto histórico, levando em consideração que muitas das Pombagiras são do período de forte influência europeia no Brasil. A

Mestra Maria Luziara por exemplo, que coletei algumas de suas toadas ainda na pesquisa de PIBIC e uma delas descreve o seu envolvimento com um homem casado de sua época que lhe presenteou com um colar de ouro e segundo alguns juremeiros me contaram este homem casado pode ter sido o imperador Dom João VI:

Que campos
Que flores
Tenho eu
Cadê o meu colar de ouro
Que o homem casado me deu?
Na passagem do riacho
Maria Luziara perdeu
Perdeu, perdeu a sorte que o macho lhe deu
(Toada da Mestra Luziara)

Naquela época o estilo de vestimenta das mulheres eram os vestidos bem armados e o costume de usar muitas joias também era comum. A bebida e o cigarro em demasia são consequências do estilo de vida que tiveram após desilusões amorosas de relacionamentos que tiveram com homens casados da época.

Continuo a conversa com Mãe Maria e pergunto sobre a questão do Deká, se é um rito novo ou sempre existiu na Jurema? Com firmeza ela me responde que “na casa dela não se faz e não existe, que não aprendeu dessa forma” e acrescenta que já viu acontecer em algumas casas, inclusive relata que quando acessa sua página do facebook o que mais vê são publicações de desconstrução aos ritos da Jurema de acordo com a forma que ela aprendeu, inclusive sobre o iniciado receber a “cuia da Jurema” como se fosse um Yawô do Candomblé que recebe a peneira no dia do seu Deká e finaliza dizendo: “É muita besteira que eu vejo sobre a Jurema, perco a paciência e fecho logo o face. Nunca vi juremeiro receber Deká. ”

Nesta minha conversa com Mãe Maria, percebi que ela busca fazer a Jurema em sua casa da maneira bastante simples sem muitas regalias, embora seus filhos não a compreendam ela tenta prezar o que aprendeu com os mais antigos, neste caso com sua madrinha Elvira que muito lhe ensinou e diz de forma singela que “tenta agradar a Jurema”, demonstrando nesta sua fala um apego pela forma mais antiga de cultuar a Jurema Sagrada mesmo que em sua casa haja reinvenção nos ritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender as vias por onde se estabelecem as conexões entre a Jurema e os índios que habitaram o Nordeste brasileiro é aprender e compreender quais implicações são resultantes deste processo para a identidade da Jurema enquanto religião. Para a Paraíba, esta identidade se torna ainda mais importante, pelo fato da cidade de Alhandra pertencer ao estado e ter uma intensa história com esta religião, tornando-se uma referência no que diz respeito ao culto à Jurema.

Embora seja evidente a sua presença no estado da Paraíba, a grande maioria dos paraibanos não tem conhecimento de que a Jurema é uma religião, digo isto, pois desde o início das minhas pesquisas ainda como bolsista do PIBIC, algumas pessoas me perguntam o que eu pesquiso e ao comentar de imediato me interrompem perguntando se eu estou me referindo a árvore ou a cachaça que leva este nome, ou dizem não saber do que se trata. A partir do momento que pacientemente me dedico a explicar é que passam a ter conhecimento de que a Jurema é uma religião e que na Paraíba há uma forte presença dela.

Portanto o recorte realizado para esta pesquisa é apenas uma pequena contribuição neste imenso e complexo campo chamado Jurema. Tivemos o maior cuidado em contextualiza-la historicamente para um primeiro entendimento e posteriormente demonstrar nos ritos que a envolvem as possíveis modificações sofridas na forma de culto ao longo dos anos. A partir de alguns elementos simbólicos buscamos mostrar a continuidade da tradição inventada presente nos ritos e diante dela mostramos o que foi reinventado, concordando com Hobsbawm que diz que toda tradição é inventada por tanto ela necessitada ser reinventada.

Nas pesquisas em campo, procuramos observar os ritos nos mínimos detalhes, visando alcançar o que propomos como objetivo geral. Acreditamos que diante do material coletado *in loco* nosso objetivo pode-se considerar inicialmente como “meio caminho andado”, não nos impedindo de darmos continuidade a esta temática com um pouco mais de espaço para seu desenvolvimento, levando em consideração de que o Trabalho de Conclusão de Curso nos oferece um espaço mais conciso.

Com isso acreditamos que este trabalho venha a ser de grande relevância, não só para a academia como também para a sociedade, partindo da suposição de que possa intervir na intolerância religiosa que intriga cada vez mais não só os adeptos às religiões afro-brasileiras, mas também a nós pesquisadores destas religiões que em pleno século XXI temos que conviver

com desrespeitosas guerras religiosas consequentes da ausência de conhecimento, ou até mesmo conhecendo-as preferem continuar com um julgamento pejorativo delas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário. *Música de feitiçaria no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- ASSUNÇÃO, Luiz. *O reino dos mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- BASTIDE, Roger (1958). *O candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. (1960). *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das Interpretações de Civilizações*. 1ºvol. São Paulo: Pioneira, 1971.
- _____. (1960). *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das Interpretações de Civilizações*. 2ºvol. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BRANDÃO, Maria do Carmo Tinôco, NASCIMENTO, Luiz Felipe Rios do. *O Catimbó-Jurema*. Revista CLIO ARQUEOLÓGICA, volume 13, 1998.
- CARNEIRO, Edison. *Religiões negras: notas de etnografia religiosa; Negros bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Meleagro: pesquisa do Catimbó e notas da magia branca no Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.]
- DANTAS, Beatriz Góis. Repensando a pureza nagô. *Religião e Sociedade*, n.8, jul.1982, p.15-20.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*; [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Tópicos).
- FERNANDES, A. Gonçalves. *O folclore mágico do Nordeste*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GONÇALVES, Antônio Giovanni Boaes; VALE, Johnatan Ferreira Marques do. Rituais de jurema e cura na cidade de João Pessoa. Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 07 a 10 de agosto, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307590258_ARQUIVO_RituaisdeJuremacoorriggidd_1_.pdf>. Acesso em 20 mai.2013.
- HOBBSAWM, Eric, RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs. 9-23.
- LAGOS, Nilza de Menezes Lino. “*Arreda homem que aí vem mulher...*” Representações de gênero nas manifestações da Pombagira. São Bernardo do Campo, UESP, 2007.

RAMOS, Arthur (1934). *O negro brasileiro*. 1º volume: etnografia religiosa. Rio de Janeiro: Graphia, 2001.

_____. (1935). *O folclore negro do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. (1935). *As culturas negras no Novo Mundo*. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

RODRIGUES, Nina (1906). *O animismo fetichista dos negros baianos*. Apresentação e notas Yvonne Maggie, Peter Fry. Ed. fac-símile. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ, 2006.

SALLES, Sandro G. *À sombra da Jurema Encantada: mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

_____. *À sombra da Jurema: a tradição dos mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra*. Revista *Anthropológicas*, ano 8, volume 15(1), 2004, p. 99-122.

SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima. *A jurema sagrada da Paraíba*. *Qualitas Revista Eletrônica*. ISSN 1677-4280 V7.n.1. Ano 2008. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/viewFile/122/98>>. Acesso em 20 mai. 2013.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

_____. *O antropólogo e sua magia* (1a. Edição). 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2000. v. 1. 194p.

VANDEZANDE, René. *Catimbó: Pesquisa Exploratória sobre uma forma Nordestina de Religião Mediúnica*. Recife: Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, 1975.